

Recebido em: 16 Jan. 2024

Aprovado em: 28 Abr. 2024

Publicado em: 30 Abr. 2024

DOI: [10.18554/rt.v17i1.7285](https://doi.org/10.18554/rt.v17i1.7285)

v. 17, n. 1 - Jan. / Abr. 2024

## **A GEOGRAFIA DO POVO TERENA E(M) PRÁTICAS ESCOLARES INTERCULTURAIS**

*THE GEOGRAPHY OF THE TERENA PEOPLE AND (IN) INTERCULTURAL SCHOOL PRACTICES*

*LA GEOGRAFÍA DEL PUEBLO TERENA Y (EN) LAS PRÁCTICAS ESCOLARES INTERCULTURALES*

Francieli de Oliveira Meira

E-mail: [francieliomeira@hotmail.com](mailto:francieliomeira@hotmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9702-7098>

Flaviana Gasparotti Nunes

E-mail: [flaviananunes@ufgd.edu.br](mailto:flaviananunes@ufgd.edu.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7512-453X>

### **RESUMO**

Neste texto objetivamos analisar como a escola tem contribuído, a partir de práticas interculturais, para a reafirmação e fortalecimento da geografia do povo Terena. A pesquisa que embasou a análise, além de revisão bibliográfica e levantamento documental, envolveu a observação do cotidiano das escolas e dos eventos promovidos nas aldeias, aplicação de formulários a estudantes, professores e lideranças. Apresentamos e discutimos algumas atividades desenvolvidas por estudantes e professores das escolas indígenas das aldeias Aldeinha, Bananal e Brejão, localizadas em Mato Grosso do Sul que manifestam compreensões dos Terena referentes às cosmologias, temporalidades e espacialidades, as quais constituem a geografia desse povo. Essa geografia é expressa em sua forma de organização espacial e na temporalidade que atravessa o ensino de diferentes disciplinas nas escolas, por meio de práticas, abordagens de ensino, ressignificação dos conteúdos, além dos saberes tradicionais que estão presentes em todo o ensino e na organização das escolas. Argumentamos que a escola indígena Terena é atravessada pelo “Jeito de ser Terena” que os diferencia enquanto sujeitos em relação à sociedade ocidental e os identifica enquanto povo. Concluimos que nas relações entre a escola e o Jeito de Ser Terena, reafirma-se uma geografia Terena, presente nas ações e temporalidades da instituição escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola Indígena. Jeito de Ser Terena. Geografia Terena. Práticas Interculturais.

### **ABSTRACT**

*In this text, we aim to analyze how the school has contributed, based on intercultural practices, to the reaffirmation and strengthening of the geography of the Terena people. The research that supported the analysis, in addition to a literature review and documentary survey, involved the observation of the daily life of the schools and the events promoted in the villages, application of forms to students, teachers and leaders. We present and discuss some activities developed by students and teachers from indigenous schools in the villages of Aldeinha, Bananal and Brejão, located in Mato Grosso do Sul, who manifest*

*understandings of the Terena regarding the cosmologies, temporalities and spatialities, which constitute the geography of this people. This geography is expressed in its form of spatial organization and in the temporality that crosses the teaching of different disciplines in schools, through practices, teaching approaches, resignification of contents, in addition to the traditional knowledge that is present in all teaching and in the organization of schools. We argue that the Terena indigenous school is permeated by the "Terena Way of Being" that differentiates them as subjects in relation to Western society and identifies them as a people. We conclude that in the relations between the school and the Terena Way of Being, a Terena geography is reaffirmed, present in the actions and temporalities of the school institution.*

**KEYWORDS:** *Indigenous School. Terena Way of Being. Terena Geography. Intercultural Practices.*

### **RESUMEN**

*En este texto, pretendemos analizar cómo la escuela ha contribuido, a partir de prácticas interculturales, a la reafirmación y fortalecimiento de la geografía del pueblo Terena. La investigación que sustentó el análisis, además de una revisión bibliográfica y un relevamiento documental, implicó la observación de la vida cotidiana de las escuelas y los eventos promovidos en las aldeas, la aplicación de formularios a estudiantes, docentes y dirigentes. Presentamos y discutimos algunas actividades desarrolladas por estudiantes y profesores de escuelas indígenas de las aldeas de Aldeinha, Bananal y Brejão, ubicadas en Mato Grosso do Sul, que manifiestan comprensiones de los Terena sobre las cosmologías, temporalidades y espacialidades que constituyen la geografía de este pueblo. Esta geografía se expresa en su forma de organización espacial y en la temporalidad que atraviesa la enseñanza de diferentes disciplinas en las escuelas, a través de prácticas, enfoques didácticos, resignificación de contenidos, además de los saberes tradicionales que están presentes en toda la enseñanza y en la organización de las escuelas. Argumentamos que la escuela indígena Terena está permeada por el "Modo de Ser Terena" que los diferencia como sujetos en relación con la sociedad occidental y los identifica como pueblo. Se concluye que en las relaciones entre la escuela y el Modo de Ser Terena, se reafirma una geografía Terena, presente en las acciones y temporalidades de la institución escolar.*

**PALABRAS-CLAVE:** *Escuela Indígena. Manera de Ser Terena. Geografía de Terena. Prácticas Interculturales.*

### **INTRODUÇÃO**

Este texto traz parte das reflexões desenvolvidas em pesquisa mais ampla<sup>1</sup> realizada em escolas de aldeias Terena situadas em três municípios do estado de Mato Grosso do Sul: Aldeia Brejão, na Terra Indígena de Nioaque; Aldeia Aldeinha no município de Anastácio e Aldeia Bananal no município de Aquidauana. A escolha desses municípios se deu por apresentarem realidades distintas: no município de Nioaque as escolas pesquisadas atendem a uma comunidade com poucos membros falantes na língua Terena, a maior parte fala parcialmente a língua materna; no município de Anastácio, a escola localizada na Aldeinha atende a uma comunidade não falante do Terena que reside na área urbana também atende a alunos não indígenas; no município de Aquidauana, a escola pesquisada atende a uma comunidade falante do Terena.

Para o desenvolvimento da referida pesquisa foram realizados diversos procedimentos metodológicos como participações e vivências no cotidiano das escolas, nos eventos das comunidades das aldeias e em parte do dia a dia dos sujeitos, além de rodas de conversas com lideranças indígenas.

Nosso enfoque recaiu sobre a escola indígena Terena analisando como essa instituição é atravessada pelo “Jeito de Ser Terena” que os diferencia enquanto sujeitos em relação à sociedade ocidental e os identifica enquanto povo.

O povo Terena desenvolve resistências e, ao mesmo tempo, apropria-se de elementos de outras culturas que são modificados e influenciam seus modos de vida nas Terras Indígenas que habitam. Sendo assim, suas organizações espaciais e concepções de mundo são moldadas por outras formas culturais, ao mesmo tempo em que mantém tradições Terena.

A escola é um espaço de encontros entre conhecimentos e culturas indígenas e não indígenas e é onde ocorrem negociações e afirmações para os Terena resistirem e existirem como povo. Desta forma, a instituição escola vem sendo ressignificada na medida em que os conhecimentos não indígenas que estruturam grande parte de seu currículo, assim como metodologias e regras são atravessados pela cultura e pelo Jeito de Ser Terena.

Neste texto, em específico, apresentamos algumas atividades realizadas nas escolas pesquisadas e refletimos sobre como o espaço da escola tem sido aliado no fortalecimento cultural e na reafirmação do Jeito de Ser Terena. A partir dessas atividades, é possível identificar características próprias da organização, concepções e saberes dos Terena que constituem sua geografia, a qual também é moldada e reconstruída por meio dos contatos interétnicos com outros povos indígenas e com a sociedade envolvente, a partir desses intensos contatos. Desta forma, não analisamos a escola como um todo, mas o espaço escolar atravessado pelo “Jeito de ser Terena” por meio de algumas ações dos professores em parceria com a comunidade que nos permitiram interpretar e pensar possíveis significações de uma geografia Terena.

Estruturamos o texto em dois momentos. No primeiro, destacamos a importância da escola como espaço de luta e reafirmação do modo de vida e do Jeito de Ser Terena. Além disso, pontuamos elementos que constituem a geografia Terena a partir da organização das aldeias, das formas de aprendizado da cultura pela educação indígena tradicional, entre outros que estão presentes também na escola.

No segundo momento, apresentamos e discutimos algumas atividades com as quais tivemos contato em nossa pesquisa, realizadas nas escolas indígenas das aldeias Brejão,

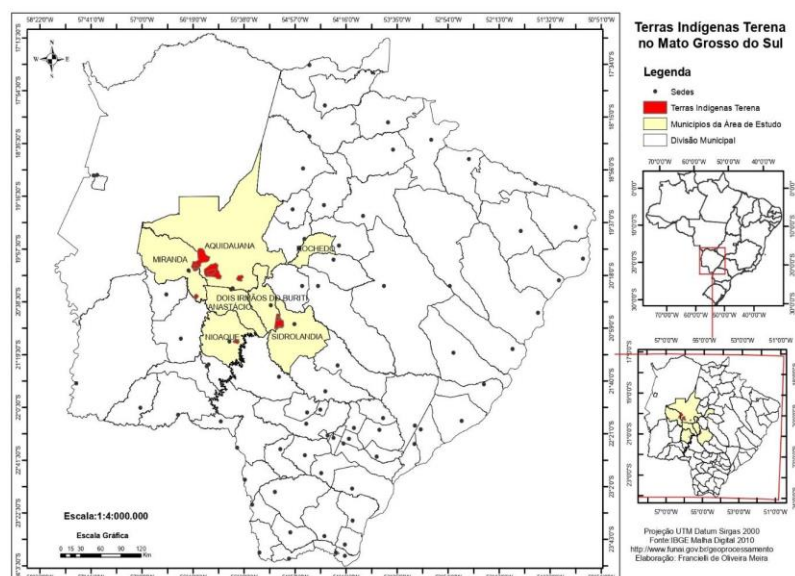
Aldeinha e Bananal. Tais atividades nos permitiram identificar compreensões dos Terena referentes às cosmologias, temporalidades e espacialidades, as quais constituem a geografia desse povo.

## A ESCOLA COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA PARA OS TERENA

Os indígenas Terena pertencem à família linguística Aruak e seu território atualmente projeta-se sobre a porção oeste de Mato Grosso do Sul, abrangendo parte do complexo do Pantanal. Constituem a segunda maior população indígena no estado, com um número superior a 23 mil pessoas. Estão distribuídos em 10 terras indígenas, em mais de 30 Aldeias e também em duas terras indígenas de outras etnias: na Terra Indígena Kadiwéu, localizada em Porto Murtinho, e na Reserva Indígena Guarani e Kaiowá, no município de Dourados. Os Terena também estão presentes em uma terra indígena no estado de São Paulo e em duas terras indígenas no estado de Mato Grosso.

Eloy Terena (2020) ressalta que os territórios tradicionalmente ocupados por esse povo estão localizados no oeste do estado de Mato Grosso do Sul, coincidindo com parte do ecossistema do Pantanal nos municípios de Aquidauana, Anastácio, Dois Irmãos do Buriti, Miranda, Nioaque, Rochedo e Sidrolândia (Ver mapa Figura 1). As áreas ocupadas atualmente são espaços de terras que foram reservadas, fruto da política oficial do Estado brasileiro adotada no início do século passado. Tais reservas federais são denominadas Terra Indígena, categoria jurídica instituída pelo Estatuto do Índio (Lei n. 6.001/733).

**Figura 1:** Mapa das Terras Indígenas Terena no Mato Grosso do Sul



Fonte: MEIRA, F. O. (2022, p. 39)

A escola para o povo Terena é entendida como um local de resistência e luta pela valorização da cultura e pela conquista de direitos. Na concepção Terena, a escola vai além da transmissão de conhecimentos não indígenas, pois se tornou uma aliada na luta contra as diversas imposições e perdas territoriais vivenciadas pelos Terena nos períodos de esparramos em fazendas no estado de Mato Grosso do Sul<sup>ii</sup>.

O povo Terena se destacou na luta por uma escola diferenciada que viesse atender às suas necessidades, historicamente enfrentando imposições por parte dos colonizadores e descasos com a falta de infraestrutura mínima para o funcionamento de uma escola. Para os Terena, em Mato Grosso do Sul, é no final da década de 1990 que começam surgir as primeiras escolas com nomenclaturas indígenas e com ensaios para uma educação escolar específica e diferenciada, rompendo com a escola imposta que trazia para as aldeias várias formas de proibições no que se refere às manifestações culturais do povo Terena, ao uso da língua materna e ao direito de a comunidade gerir a escola. Por meio de luta e reivindicações, as escolas indígenas Terena atualmente apresentam, em sua maioria, uma gestão indígena que tem iniciado o desenvolvimento escolar pautado na interculturalidade<sup>iii</sup>, embora ainda se percebam algumas limitações.

Nesse contexto é necessário distinguir Educação Escolar Indígena de Educação Indígena. Entende-se que a Educação Escolar Indígena diz respeito ao conjunto de procedimentos de produção e disseminação de saberes, englobando tanto conhecimentos próprios das comunidades indígenas quanto aqueles de origem não indígena, por meio de instituições de ensino diferenciadas, adaptadas às exigências específicas das comunidades indígenas. A conquista desse direito à educação escolar diferenciada foi resultado de luta indígena, pois demandou um processo histórico prolongado para que os povos indígenas conquistassem o acesso à instrução escolar. Por muito tempo, a educação formal foi empregada como instrumento de imposição cultural e desintegração dos valores tradicionais das comunidades indígenas, mas atualmente tornou-se uma parceira na defesa de seus interesses e no fortalecimento de suas identidades culturais.

Por outro lado, Meliá (1979) salienta que a educação indígena se dedica a adquirir conhecimento cultural ao longo de toda a existência e em todas as suas vertentes. Para compreender plenamente o processo educativo das comunidades indígenas, é essencial ter um entendimento profundo do sistema sociocultural ao qual fazem parte. Os sistemas educacionais indígenas visam formar indivíduos que carreguem os aspectos culturais que os caracterizam como um "bom Paresí", um "bom Boróro" ou um "Xavante autêntico", preservando suas

características distintivas. *“Essa concepção é aplicável a diversas outras etnias presentes no Brasil, cada uma com seus próprios traços culturais que as definem”* (Meira, 2016, p. 17).

Desde o momento em que a escola passa a ser orientada por uma abordagem de educação escolar Terena, mesmo que não esteja completamente consolidada<sup>iv</sup>, torna-se um espaço para a transmissão e reafirmação do modo de vida, do Jeito de Ser Terena, o qual em diversos momentos históricos, foram forçados a deixar ou esconder, além de serem privados de manter suas formas de organização e concepções de ver e organizar o território.

A partir das relações com diferentes sociedades, vários aspectos de outras culturas têm sido ressignificados pelos Terena e adaptados à forma de vida desse povo. Isso tem acontecido no espaço da aldeia, onde a escola tem desenvolvido uma educação regida e organizada, ainda que de forma indireta, pelos próprios Terena. Por meio de organizações como a escola e outros coletivos, os indígenas procuram proteger seu território, sua forma de viver em sociedade, suas concepções de ver e de organizar o espaço, de educar suas crianças e de resistir aos constantes ataques daqueles que não aceitam conviver com diferentes compreensões de mundo.

Assim, pode-se identificar a constituição de uma geografia Terena na forma de organização da aldeia, nas manifestações culturais passadas às crianças por meio da educação indígena<sup>v</sup>, no aprendizado diário com os mais velhos, na forma de realizar as plantações nas roças<sup>vi</sup>, na utilização das ervas medicinais, no artesanato e no ritmo de vida na aldeia. Essas formas de organização e de ensinamento dos conhecimentos expressam o Jeito de Ser Terena, que podemos perceber nas atividades diárias, nas conversas, no modo de desenvolver seus eventos e suas festas, assim como de construir e vivenciar o espaço escolar.

O aprendizado tradicional ocorre por meio da observação, das memórias e da ancestralidade, formando uma sociedade que se organiza com base nos conhecimentos dos mais velhos, denominados anciãos, responsáveis pelo ensinamento desses conhecimentos para os mais jovens. Esse aprendizado ocorre por meio de ações e atitudes, observando e acompanhando os adultos ou sendo submetidos à vivência em comunidade.

A temporalidade na cosmologia dos povos indígenas se contrapõe à concepção ocidental. A escola, instituição da sociedade ocidental, transmite os saberes acumulados por gerações, numa temporalidade marcada pela escrita. Na concepção que denominamos de geografia Terena, essa temporalidade é marcada pela transmissão oral, ou seja, depende de relações próximas (especialmente, no que concerne à proximidade e, temporalmente, no sentido de geração para geração). A partir do momento em que a escola “adentra” o espaço da aldeia,



a geografia Terena, embasada na cosmologia desse povo, ganha possibilidade e pode ser vivenciada numa temporalidade diferente.

Conforme já mencionado, entre os Terena, muitos conhecimentos tradicionais são mantidos na comunidade pelos mais velhos, que os ensinam pela oralidade aos demais, em reuniões nas festividades, na escola, nas feiras e durante a confecção de artesanato no cotidiano das aldeias. Essa característica marcante da oralidade nas culturas indígenas é presente até os dias atuais e responsável por não deixar que importantes conhecimentos tradicionais Terena caiam no esquecimento.

O contar de histórias sobre a trajetória Terena, seja pelos professores, seja pelos familiares, promove nos estudantes a criação de imaginários, de sensibilidades, de valores culturais que são pilares para a manutenção da existência e da resistência indígena. Neste sentido, a escola tem proporcionado aos estudantes indígenas os registros dessas histórias orais e, ao mesmo tempo, a possibilidade de serem conhecidas pelos não indígenas.

Ao longo da pesquisa realizada nas escolas indígenas das aldeias Brejão, Aldeinha e Bananal observamos e tivemos contato com diversas atividades que permitem identificar compreensões dos Terena referentes às cosmologias, temporalidades e espacialidades, as quais constituem a geografia desse povo. Na sequência, apresentaremos algumas dessas atividades.

## **PRÁTICAS ESCOLARES INTERCULTURAIS E A GEOGRAFIA TERENA**

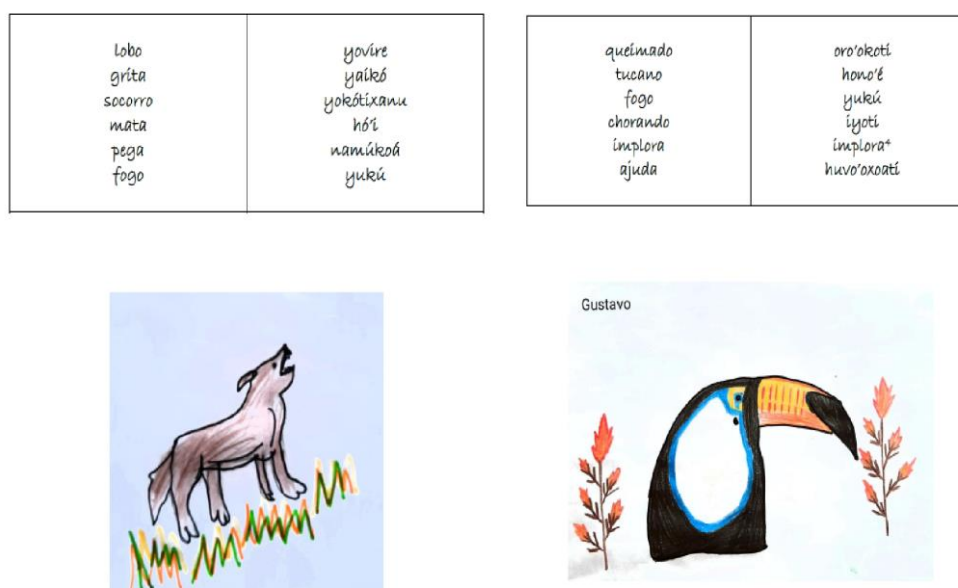
As práticas apresentadas a seguir foram obtidas por meio de participação em aulas de Geografia e em eventos realizados na comunidade para as exposições de trabalhos escolares; também contamos com a colaboração de professores que se disponibilizaram a nos receber durante a realização de oficinas realizadas nas escolas das Aldeias e permitiram a utilização dos produtos resultantes dessas atividades.

O Pantanal faz parte da cultura do povo Terena e suas formas de organização são permeadas e adaptadas às características desse bioma, que também é conhecido como *Chaco*. Se analisarmos as principais referências históricas sobre os Terena, veremos a presença intensa de narrativas, migrações e relatos na região do *Chaco/Pantanal*.

Toda a biodiversidade pantaneira exerce influência e tem uma ligação forte com os Terena. Essa etnia organiza-se por meio de vários coletivos e tradicionalmente defende e mantém a preservação do Pantanal. Sendo assim, considerando o sentido e a vivência que os Terena têm e constroem com/sobre o bioma do Pantanal, percebemos que expressam outra concepção em relação àquela construída pelos não indígenas.

Na Figura 2 visualizamos um trabalho elaborado por estudantes do Ensino Fundamental da escola localizada na Aldeia Aldeinha, município de Anastácio (MS). O trabalho em questão fez parte de um projeto interdisciplinar no qual os estudantes criaram ilustrações discutindo a problemática das queimadas no Pantanal. De acordo com as informações fornecidas por professores envolvidos no projeto, o objetivo era fazer com que os estudantes refletissem sobre identidade Terena, pertencimento, meio ambiente e atualidades.

**Figura 2** – Desenhos e Aldravias elaborados por estudantes do 6º ano da Aldeia Aldeinha



Fonte: Arquivo da professora Flavia Rodht, 2021.

Observa-se, na Figura 2, os desenhos de um lobo e de um tucano, animais que fazem parte da cultura Terena. O tucano é uma ave do Pantanal e, para o estudante, essa ave apresenta sentimentos humanos, como “chorar e lamentar” pelo Pantanal. Nesse desenho, percebe-se como a mitologia, ainda que de forma implícita, molda a construção de pensamento desses estudantes, ou seja, observa-se a não distinção entre humanos e elementos da natureza e o pertencer e o estar em conexão com o Pantanal.

Os desenhos, assim como as aldravias grafadas junto a eles (em Português e na língua Terena) evocam concepções e sentimentos indígenas, ou seja, indicam como constroem suas formas de ver e se relacionar com o mundo. Embora os alunos não atribuam ou nomeiem essas expressões como “geográficas”, podemos depreender que apresentam e conferem sentido aos objetos e aos seres vivos que constroem sua espacialidade, sua geografia.



As expressões dos desenhos nos remetem ao pensamento de Massey (2008), que ressalta que o espaço é moldado e construído pelo encontro de múltiplas trajetórias que podem ser humanas e não humanas que se encontram e, ao se intercruzarem, constituem o espaço. Esses estudantes compreendem que o espaço tradicional habitado pelos Terena só pode ser mantido vivo caso se considere a vida não humana e, é a partir desse encontro entre a natureza (apresentada nos desenhos) e o humano, que esse povo constrói historicamente suas vivências e suas concepções de sociedade. O espaço tem o papel de trazer distintas temporalidades que desencadeiam novos processos sociais. Dessa maneira:

[...] o espaço nos apresenta o social em seu mais amplo sentido: o desafio de nossa interrelacionalidade constitutiva – e, assim, a nossa implicação coletiva nos resultados dessa inter-relacionalidade, a contemporaneidade radical de uma multiplicidade de outros, humanos e não-humanos, em processo, e o projeto sempre específico e em processo das práticas através das quais essa sociabilidade está sendo configurada (Massey, 2008, p. 274).

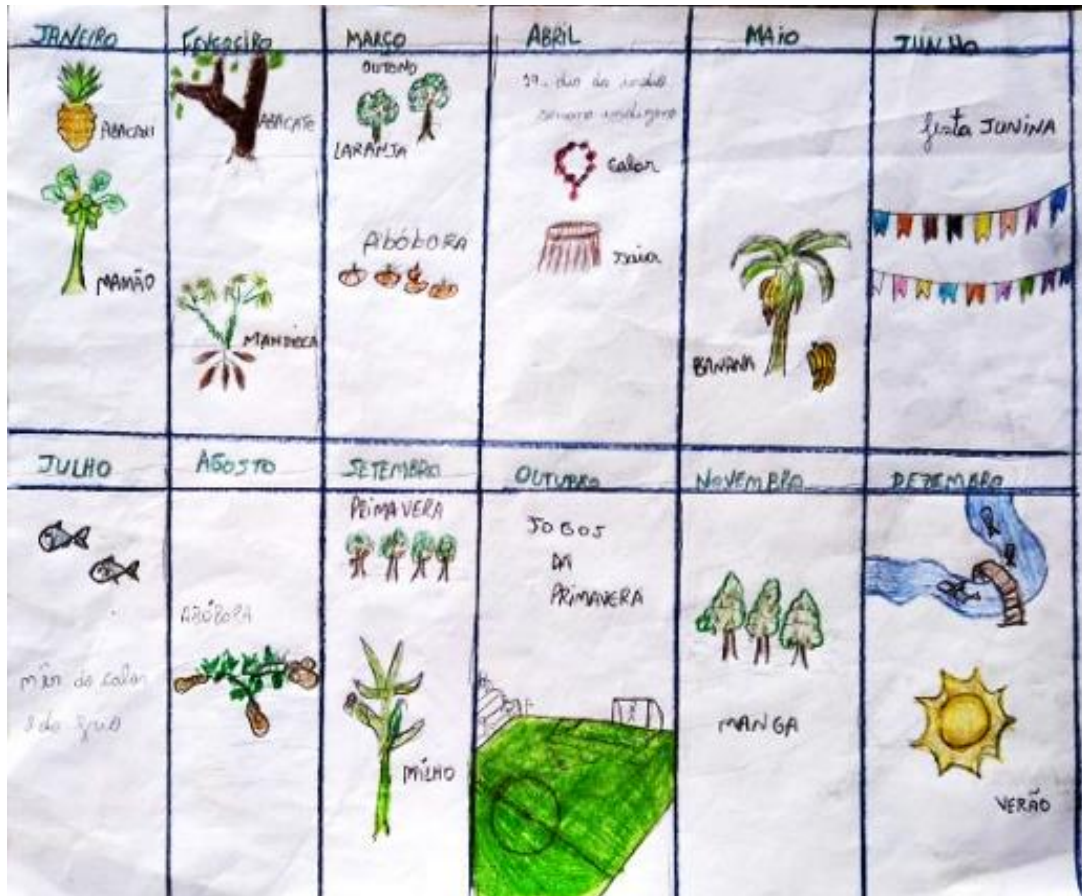
Corroboramos com o pensamento da autora, para quem o espaço não é algo acabado, pois é construído a partir de processos que são estabelecidos por sujeitos que o constroem e modificam. Esses sujeitos não são somente humanos (pessoas a partir de sua história), mas também agentes não humanos que constituem, fazem e também possuem o tempo de produção de se pôr nesse espaço. Assim, constituem o espaço a partir da multiplicidade do encontro de várias trajetórias que formulam e colaboram com a construção espacial e coexistem com os elementos da natureza (que também têm sua trajetória e uma história), evidenciando a concepção que os estudantes indígenas têm sobre sua existência, na qual não se pode dissociar o humano dos elementos da natureza.

Os povos indígenas coexistem com a natureza, não criando uma hierarquia entre seres humanos e não humanos (superior e inferior), pois esse entendimento hierárquico abre margem para o processo de apropriação e exploração de algo que está posto. Diferente disso, os povos indígenas coexistem com os elementos não humanos, considerando-os primordiais para a sua existência como sociedade e para a manutenção da vida.

A geografia Terena se faz nesse encontro entre o humano e o não humano, a partir dos processos que estabelecem com a natureza e de relações que se conectam e desconectam em narrativas tradicionais não estáveis, pois são criadas e recriadas em diferentes tempos da história Terena, estabelecendo negociações, no lugar em que se encontram com a natureza. Nesses encontros de trajetórias, os Terena desenvolvem aprendizagens e uma forma de pensar e

entender o espaço, que influencia e afeta a maneira com que praticam, organizam e dão sentido ao lugar em que vivem, portanto, à sua geografia.

**Figura 3** – Calendário Terena da Aldeia Brejão



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

Outras expressões dessa geografia podem ser identificadas nas concepções de tempo e espaço presentes nos calendários das Figuras 3 e 4. O calendário apresentado na Figura 3 foi elaborado por um estudante da Aldeia Brejão (município de Nioaque) na disciplina de Geografia. A proposta da atividade solicitava aos estudantes do 6º ano que elaborassem um calendário sobre o lugar de vivência, com os marcadores de tempo, os acontecimentos e as práticas agrícolas que marcam a vida dos moradores das aldeias de Nioaque.

Percebe-se, neste calendário, que o ritmo de vida Terena tem forte relação com a agricultura e as festividades. A agricultura é fator fundamental nas relações estabelecidas na comunidade. Verifica-se uma cosmologia não regida por horários fixos, mas pelo tempo do plantio e da colheita para a subsistência dos indígenas. O mês de abril, que é marcado pelas comemorações e pelas reflexões em torno das conquistas indígenas, também é o período em



Observamos que existem diferenças entre os dois calendários, mas também há convergências, com destaque para as plantações e as festividades que são fatores marcantes nas duas comunidades. Como os estudantes da Aldeia Bananal são fluentes nas Línguas Terena e Portuguesa, percebe-se o uso da língua materna para expressarem a organização dos meses durante o ano.

Em ambos os calendários, nota-se que as passagens dos meses e as atividades marcantes em cada parte do ano são ligadas à agricultura e à natureza. Isso demonstra que os Terena marcam a passagem do tempo pelas atividades agrícolas e os fenômenos naturais têm forte influência nisso.

Neste sentido, os calendários feitos pelos estudantes apresentam a organização temporal e espacial das aldeias, marcadas por elementos culturais e eventos que exercem influência na vida dessas comunidades. Esses calendários delimitam a organização temporal nessas comunidades: o tempo das chuvas, das secas, o plantio e a colheita, entre outros acontecimentos sociais.

As práticas agrícolas são parte da rotina, do modo de vida e do modo de pensar Terena. Em ambos os calendários, percebe-se que a terra e o plantio são os marcadores de tempos primordiais na cultura. Ao longo da história, essa sociedade fundamentou suas atividades de subsistência na agricultura, utilizando-a como moeda de troca para assegurar segurança e apoio de outros povos indígenas. Atualmente, os produtos agrícolas desempenham um papel crucial como fonte de sobrevivência.

Já o desenho da Figura 5 representa o Sol por meio do grafismo Terena. No centro está a flor de maracujá, que é uma pintura feminina usada pelas ceramistas para decorar as peças de cerâmicas produzidas nas aldeias.

“Na cosmologia Terena pode-se definir três ordens ou domínios, os quais encontram-se mencionados nas pinturas, nas cores e nos grafismos: a natureza, a cultura e o sobrenatural” (Tiago, 2018, p. 10). O Sol também tem um sentido de medição de tempo muito importante para os Terena, ou seja, esse astro é um marcador de tempo nas aldeias.



**Figura 5** – Desenho elaborado por estudante da Escola da Aldeia Brejão



Fonte: Arquivo da professora Flavia Rodht, 2021.

É característica da comunidade da aldeia Brejão, em Nioaque, a marcação de suas atividades cotidianas pela posição do Sol no céu sem se preocuparem com o tempo cronometrado pelo relógio, ou seja, o marcador de tempo do Sol é o movimento “aparente do Sol”, do nascer e pôr do Sol.

A reverência Terena ao Sol é expressa na dança *Kipaéxoti*, popularmente conhecida pelos não indígenas como dança da ema ou dança do bate-pau. Nessa dança, na sua última parte, o cacique ou um guerreiro Terena é suspenso pelos bastões de bambu e lança gritos de vitória em direção aos quatro pontos cardeais, primeiro na direção norte, de onde vem o calor, seguindo o sentido anti-horário, voltando-se para o poente, conhecido como o final do dia; voltado para a direção sul, que indica a origem do frio, e, finalmente, voltado para o nascente, onde o dia começa para os Terena. Esse movimento em círculo remete aos ciclos da natureza, em muitas aldeias Terena as construções são circulares e as casas também estão dispostas em círculo, muito próximas umas das outras, como podemos observar nas aldeias Brejão e Bananal (Baltazar, 2010; Ortiz, 2014).

Os Terena utilizam-se de marcadores espaço-temporais como apontam Domingo e Maria (2017, p. 64): “[...] focalizando a cultura Terena, nota-se que os marcadores se fundamentam na observação da paisagem, cheias de rios, períodos de frutificação, período de caça associado à religiosidade Terena, período de chuva e estiagem e observações ligadas à astrologia”.

Os exemplos apresentados permitem percebermos que as escolas procuram considerar a temporalidade indígena trazendo para as atividades curriculares os marcadores de tempo específicos das aldeias, além de uma série de outros conhecimentos tradicionais advindos da cosmologia Terena. Os estudantes indígenas expressam, nos desenhos e nas ações escolares, as imagens mentais (Massey, 2017) que construíram a partir das realidades e da cultura que vivenciam, isto é, da sua geografia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos discutir de que maneira a escola tem colaborado, por meio de práticas interculturais, para fortalecer a geografia do povo Terena. Entendemos que tal geografia se produz a partir das relações espaciais que esse povo desenvolve por meio de seus conhecimentos, da cultura, da territorialidade, das crenças e das religiosidades em seus territórios. Nas escolas indígenas, identifica-se que, com diferentes intensidades, o jeito de viver e ser desse povo influencia na organização, nas temporalidades, no currículo, nas práticas e nas regras escolares.

Os espaços das escolas indígenas são construídos e organizados a partir das características culturais Terena e, apesar de um currículo que pouco traz concepções culturais desse povo, a escola tende a ser moldada pelas formas de pensar e agir dos Terena. As atividades desenvolvidas em diversas disciplinas são carregadas dos elementos culturais Terena, que possibilitam que esse espaço esteja ligado à identidade, à cultura, ao lugar, conforme procuramos demonstrar com os exemplos apresentados neste texto.

Verificam-se elementos da cultura e da constituição do modo de ser dos Terena expressos nas diversas atividades e nos espaços escolares e nas falas dos sujeitos indígenas. A forma Terena de relacionar-se e pensar o lugar constitui a espacialidade e a temporalidade dessa etnia, que constroem uma geografia a partir de outra construção temporal, outras maneiras de pensar permeadas por suas relações cosmológicas e, portanto, outros sentidos espaciais.

Essa outra forma de construção do pensamento manifesta-se em parte pelas expressões culturais e nas relações cotidianas do ambiente escolar, das vivências sociais que atravessam a escola Terena, como se pôde observar nas atividades realizadas pelos estudantes sob a orientação de professores de diversas disciplinas.

Na visão dos Terena, viver significa ser parte da natureza e nunca se sentir superior a ela. Tudo da cultura se materializa no território, ou seja, é estar junto, interligado à natureza. A ideia de geografia para os indígenas pode ser definida como espaço e território, que contam as



histórias e ancestralidades desse povo, sem uma visão dicotômica entre homem e natureza, contrapondo, dessa forma, o que pensamento ocidental definiu como Geografia.

A partir de elementos presentes na organização social das aldeias Terena e na educação escolar indígena, identifica-se uma organização espacial característica/própria do povo Terena. Essa geografia é expressa em sua forma de organização espacial e na temporalidade que atravessa o ensino de diferentes disciplinas nas escolas, por meio de práticas dos professores, abordagens de ensino, ressignificação dos conteúdos e de diferentes formas de organizarem o tempo nas escolas, além dos saberes tradicionais que atravessam todo o ensino escolar e a organização das escolas.

As escolas indígenas Terena, apesar das dificuldades de diversas ordens, têm adquirido um valor para esse povo, constituindo-se em fundamental instrumento de luta e, conseqüentemente, um espaço de (re)afirmação de sua geografia. Desta forma, as escolas não apenas fornecem educação escolar, mas também são um símbolo de resistência e empoderamento para o povo Terena, um espaço em sua cultura, história e geografia são reafirmadas. Identificamos que, devido à inserção de diferentes correntes do cristianismo nas aldeias, existem alguns conflitos referente à comemoração da Festa Junina, pois, para os cristãos pentecostais e protestantes, essa festa é proibida, não fazendo parte dos ritos religiosos e considerada algo de idolatria. Já para os cristãos católicos, é uma festa religiosa que deve ser realizada anualmente com forte significância ritualística.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Luiz Henrique Eloy. **Poké'ixa ûti o território indígena como direito fundamental para o etnodesenvolvimento local**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – UCDB, Campo Grande, 2014.

AMADO, Luiz Henrique Eloy. **Vukápanavo o despertar do povo terena para os seus direitos: movimento indígena e confronto político**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

BALTAZAR, Paulo. **O Processo Decisório dos Terena**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.

BALTAZAR, Paulo. **Geografiana óyoe têrenoe ya poké'exake toné yoko ipéakaxoti/Geografia das afetividades no território indígena Taunay/Ipegue**. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2022.

CARDOSO, Wanderley Dias. **A história da educação escolar para o terena: origem e desenvolvimento do ensino médio na Aldeia Limão Verde**. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

DOMINGO, Sandra Ventura; MARIA, Elisangela Castedo. Análise do comportamento socioambiental terena por meio de marcadores espaço-temporais: uma contribuição para a conservação da cultura. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, MS, v. 18, n. 1, p. 59-73, 2017.

MELIÁ, Bartolomeu. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Loyola, 1979.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. A mente geográfica. **GEOgraphia**, Niterói, vol. 19, n. 40, 2017.

MEIRA, Francieli de Oliveira. **O Ensino de geografia nas escolas indígenas de Nioaque/MS**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados (UFGD), 2016.

MEIRA, Francieli de O. **O papel da escola na (re)afirmação da geografia do povo Terena em Mato Grosso do Sul**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2022.

NASCIMENTO, Adir Casaro; AGUILERA URQUIZA, Hilário. Currículo, diferenças e identidades: tendências da escola indígena Guarani e Kaiowá. *Currículo sem Fronteiras*, v.10, n.1, p.113-132, 2010.

ORTIZ, Marisa Serrano. **Valorização dos saberes astronômicos de uma Aldeia indígena terena no estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, 2014.

TIAGO, Gilson. KIXOVOKU HÔMO TERENCE: Um estudo antropológico sobre o jeito Terena de se pinta. Trabalho apresentando na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia. Brasília/DF, 2018. Disponível em: <https://www.31rba.abant.org.br/site/capa>.

XIMENES, Lenir Gomes. **A retomada terena em Mato Grosso do Sul: oscilação pendular entre os tempos e espaços da acomodação em reservas, promoção da invisibilidade étnica e despertar guerreiro**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2017.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar/Abya Yala, 2009.

## Notas

<sup>1</sup> Trata-se da tese de doutorado intitulada “O papel da escola na (re)afirmação da geografia do povo Terena em Mato Grosso do Sul” defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) em 2022.

<sup>ii</sup> Para mais detalhes sobre esse processo ver: Amado (2014; 2019), Baltazar (2010; 2022) e Ximenes (2017).

<sup>iii</sup> Quando referimos a interculturalidade nas escolas indígenas pesquisadas, encontramos ainda em sua forma relacional. Conforme a linguista Catherine Walsh (2009), há três perspectivas de educação intercultural: a relacional, a funcional e a crítica. A abordagem relacional enfatiza o intercâmbio cultural, destacando a interação e a troca que ocorrem nos encontros entre diferentes culturas. A autora ainda ressalta que neste contexto de interculturalidade, o intercâmbio pode se manifestar através de dinâmicas de igualdade e desigualdade, resultando em uma atenuação dos conflitos culturais entre os diversos grupos. Isso sugere que, nesta visão de interculturalidade, o cerne da questão não é abordado diretamente, mas sim as relações de hierarquia que alguns grupos culturais mantêm em relação a outros.

<sup>iv</sup> Para uma análise mais aprofundada sobre as lutas, construção e desafios da educação escolar para os Terena, que indicam essa não consolidação, recomenda-se consultar as obras: Aguilera Urquiza; Nascimento (2010), Cardoso (2011) e Meira (2016; 2022).

<sup>v</sup> No que tange a educação das crianças, os núcleos de parentesco exercem função primordial de diferentes formas e intensidades, porquanto todos os sujeitos moradores desses núcleos são responsáveis por proteção, desenvolvimento e aprendizado cultural e social das crianças e dos adolescentes. São os responsáveis por desenvolver o Jeito de Ser Terena, transmitindo a esses a conexão com o lugar e com os elementos da natureza, formando uma troca constante de conhecimento entre ambos.

<sup>vi</sup> As plantações e a organização das roças, são coletivas por núcleos familiares. As moradias Terena também são organizadas próximas umas das outras, sendo que são como se formassem “bairros”, com moradores com distintos graus de parentesco. Podemos perceber isso ao observarmos as moradias, porque, quando adentramos as aldeias, logo encontramos núcleos de moradores que são separados uns dos outros por áreas de plantios e de matas.

<sup>vii</sup> Identificamos que, devido à inserção de diferentes correntes do cristianismo nas aldeias, existem alguns conflitos referente à comemoração da Festa Junina, pois, para os cristãos pentecostais e protestantes, essa festa é proibida, não fazendo parte dos ritos religiosos e considerada algo de idolatria. Já para os cristãos católicos, é uma festa religiosa que deve ser realizada anualmente com forte significância ritualística.